

ERNESTO SABATO

Abadon, o Exterminador

Tradução

Rosa Freire d'Aguiar

Copyright © Herdeiros de Ernesto Sábato
c/o Guillermo Schavelzon & Asoc., Agencia Literaria (www.schavelzon.com)
Publicado originalmente em Buenos Aires, 2007

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Abaddón, el exterminador

Capa

Rita da Costa Aguiar

Foto de capa

Fernando Schianna/ Magnum Photos/ Latinstock

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Carmen T. S. Costa

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sabato, Ernesto, 1911-2011.

Abadon, o exterminador / Ernesto Sabato ; tradução Rosa
Freire d'Aguiar — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,
2013.

Título original: Abaddón, el exterminador
ISBN 978-85-359-2314-8

1. Ficção argentina I. Título.

13-07711

CDD-ar863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura argentina

ar863

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Alguns acontecimentos ocorridos na cidade de Buenos Aires no início de 1973

Na tarde de 5 de janeiro	15
Na madrugada dessa mesma noite	16
Testemunha, testemunha impotente	18

Confissões, diálogos e alguns sonhos anteriores aos fatos referidos, mas que podem ser seus antecedentes, embora nem sempre claros e inequívocos. A parte principal se passa entre começo e fim de 1972. Não obstante, também figuram episódios mais antigos, ocorridos em La Plata, na Paris do pré-guerra, em Rojas e em Capitán Olmos (estas duas, aldeias da província de Buenos Aires)

Algumas confidências feitas a Bruno	27
Não sabia muito bem como Gilberto apareceu	35
Schneider reaparece?	39
Reflexões, um diálogo	42
Quique estava sombrio	58
Poucas solidões como a do elevador e seu espelho	59

Caminhava para a Recoleta	60
Um pedido de satisfação	63
No crepúsculo.....	69
Nacho entrou em seu quarto	69
O dr. Ludwig Schneider	71
Sobre aquele cartaz.....	85
Um coquetel	86
Marcelo, disse Silvina, e seu rosto era uma súplica	90
Simplymente por fraqueza, pensava S.	91
Toda essa noite Marcelo andou ao acaso	99
O palhaço.....	104
O surgimento dos irmãos	106
Celebra-se o lançamento de um livro de T. B.	108
Sentiu necessidade de voltar a La Plata	109
O reencontro	111
Já era noite quando Agustina voltou	113
Mensagem de Jorge Ledesma	118
Acordou gritando	120
O jovem Muzzio	121
Elementos interessantes da entrevista	123
Querido e distante rapaz.....	125
Esses sonhos me enlouquecerão.....	147
Diferentes tipos de dificuldades.....	148
Sua má sorte continuava, era evidente.....	153
Nacho seguiu de longe sua irmã.....	170
Sobre pobres e circos.....	170
Os sonhos da comunidade	186
Um desconhecido.....	190
S. olhou para eles com irritado desânimo.....	191
Bruno queria ir embora	192
O rosto daquele Puch fascinava Bruno	194
Mas a arte proletária, comentou Araujo	195

Morrer por uma causa justa	198
Fazia muitos anos	199
Nunca o tinha visto	200
Saiu do café e voltou ao parque	201
Uma espécie de imortalidade da alma	220
Quique em casa de Beba	225
Fez-lhe bem respirar o ar da noite	227
Andava devagar na direção da praça	
Boulogne-sur-Mer	227
Mal Sabato saiu	228
E a ideia dos congelados, Quique?	232
Diversas propostas suscitadas pela	
Weltanschauung de Quique	233
Ideias de Quique sobre o novo romance	234
Não, como Marcelo poderia ter lhe perguntado	
alguma coisa?	241
Não, Silvia, suas cartas não me aborrecem	259
Entra com timidez	261
S. abriu o livro e encontrou sua marca	263
Ali ela estava	264
Uma advertência	269
Entrevista	269
Até que por fim se encontraram	274
Novamente seus passos o levaram à praça	281
Num daqueles dias Memé Varela lhe telefonou	283
Dados a considerar	287
Outro dado a considerar (Jean Wier,	
<i>De Praestigiis</i> , 1568)	287
Certos acontecimentos ocorridos em Paris	
por volta de 1938	288
Uma entrevista	338
Ia pela avenida Corrientes	340

O dr. Schnitzler.....	350
Exposição do dr. Alberto J. Gandulfo	358
Sabato meditou a noite inteira	373
Costa olhava para ele	373
S. refletia sobre as palavras de Fernando.....	374
Olhe esse rosto, disse-lhe o Nene	378
Enquanto isso Quique assistia a uma nova fase	383
Desprezava-se por estar nesta quinta	387
Na manhã seguinte quer escrever.....	390
Quando Bruno chegou ao café	395
Ao sair.....	398
No dia seguinte, à mesma hora	400
Oh, meus irmãos!.....	401
Entre os recortes.....	410
Nessa tarde S. caminhou muito tempo.....	411
Enquanto isso, Nacho	412
Porque, que tipo de ternura.....	424
Passou um tempo	425
Estavam novamente na pista	426
No dia seguinte, no Café La Biela	428
Ela se transformou numa fúria flamejante.....	433
Enquanto isso.....	433
Calado e angustiado.....	435
Quando ele chegou em casa.....	437
Saiu para andar sem rumo	437
A subida	449
Um grande silêncio reinava na cidade	452
Saíam do metrô às centenas.....	453
Dois homens entraram com uma lanterna	457
A essa hora os Reis Magos já estão a caminho.....	469
Mais ou menos à mesma hora	470
A casinha parecia mais desamparada que nunca	471

No dia 6 de janeiro de 1973	474
Um rato alado	478
Georgina e morte	480
Seu pai, seu pai	482
Vinte e cinco anos depois, as coisas, os homens	483
Morte de Marco Bassán	487
Caminhou pela Almirante Brown	499
Um homem de outros tempos	499
Já era mais de meia-noite	502
Atitude inesperada de Bruno ao se levantar	504
Viagem a Capitán Olmos, talvez a última	505

ALGUNS ACONTECIMENTOS OCORRIDOS
NA CIDADE DE BUENOS AIRES
NO INÍCIO DE 1973

NA TARDE DE 5 DE JANEIRO,

de pé na porta do café da rua Guido com Junín, Bruno viu chegar Sabato, e quando já ia lhe falar sentiu que um fato inexplicável se produzia: apesar de manter o olhar em sua direção, Sabato seguiu em frente, como se não o tivesse visto. Era a primeira vez que acontecia algo assim e, considerando o tipo de relação que os unia, devia excluir a ideia de um ato deliberado, consequência de um grave mal-entendido.

Seguiu-o com olhos atentos e viu como cruzava a perigosa esquina sem prestar a menor atenção aos automóveis, sem esses olhares para os lados e essas vacilações que caracterizam uma pessoa alerta e consciente dos perigos.

A timidez de Bruno era tão acentuada que em raríssimas ocasiões se atrevia a telefonar. Mas depois de um longo tempo sem encontrá-lo no café La Biela nem no Roussillon, e quando soube pelos garçons que fazia muito tempo que não aparecia, resolveu ligar para a casa dele. “Não está se sentindo bem”,

responderam-lhe de forma vaga. “Não, não sairia por algum tempo.”

Bruno sabia que ocasionalmente, e por meses a fio, Sabato caía no que chamava “um poço”, mas nunca como até então sentiu que a expressão encerrava uma terrível verdade. Começou a se lembrar de certos relatos que ele lhe fizera sobre malefícios, sobre um tal Schneider, sobre desdobramentos. Um grande desassossego tomou conta de seu espírito, como se no meio de um território desconhecido caísse a noite e fosse preciso se orientar com o auxílio de lampadazinhas em cabanas distantes de pessoas ignoradas, e pelo clarão de um incêndio em lugares remotos e inacessíveis.

NA MADRUGADA DESSA MESMA NOITE

ocorriam, entre os inúmeros fatos que acontecem numa cidade gigantesca, três dignos de ser assinalados, porque os unia o vínculo que sempre une os personagens de um mesmo drama, embora às vezes se desconheçam entre si e embora um deles seja um simples bêbado.

No velho bar Chichín, na rua Almirante Brown, esquina com Pinzón, enquanto se preparava para fechar o estabelecimento seu dono disse ao único freguês que estava no balcão:

— Ande, Louco, que eu preciso fechar.

Natalicio Barragán terminou seu copinho de aguardente e saiu cambaleante. Já na rua, repetiu o milagre cotidiano de cruzar com distraída placidez a avenida percorrida a essa hora da noite por carros e ônibus enlouquecidos. E depois, como se caminhasse sobre o convés inseguro de um barco em mar revolto, desceu até a Dársena Sur pela rua Brandsen.

Ao chegar à avenida Pedro de Mendoza, as águas do Ria-

chuelo, nos pontos que refletiam a luz dos barcos, lhe pareceram tingidas de sangue. Algo o levou a erguer os olhos, e então viu por cima dos mastros um monstro avermelhado que abarcava o céu até a foz do Riachuelo, onde perdia sua enorme cauda escamada.

Encostou na parede de zinco, cerrou as pálpebras e, agitado, descansou. Depois de uns momentos de turva reflexão, em que suas ideias tentaram abrir caminho num cérebro cheio de detritos e ervas daninhas, tornou a abri-las. E de novo, agora mais nitidamente, viu o dragão cobrindo o firmamento da madrugada como uma serpente furiosa que lançava chamas num abismo de tinta nanquim.

Ficou aterrorizado.

Felizmente, alguém se aproximava. Um marinheiro.

— Olhe — comentou, com voz trêmula.

— O quê — perguntou o homem com essa bonomia que as pessoas de bom coração demonstram com os bêbados.

— Lá.

O homem dirigiu o olhar para a direção que ele lhe indicava.

— O quê — repetiu, observando com atenção.

— Aquilo!

Depois de escrutar um bom momento aquela região do céu, o marinheiro se afastou, sorrindo com simpatia. O Louco o seguiu com os olhos, depois voltou a se apoiar na parede de zinco, cerrou as pálpebras e meditou com trêmula concentração. Quando tornou a olhar, seu terror foi mais intenso: agora o monstro lançava fogo pelas fauces de suas sete cabeças. Então ele caiu desmaiado. Ao acordar, estendido na calçada, era dia. Os primeiros operários se dirigiam para o trabalho. Pesadamente, sem se lembrar nesse instante da visão, encaminhou-se para seu quarto no cortiço.

O segundo fato se refere ao jovem Nacho Izaguirre. Da escuridão que lhe proporcionavam as árvores da avenida del Liber-

tador, viu parar um grande Chevy Sport, do qual desceram sua irmã Agustina e o sr. Rubén Pérez Nassif, presidente da IMOBILIÁRIA PERENÁS. Eram cerca de duas da manhã. Entraram num prédio. Nacho permaneceu em seu posto de observação aproximadamente até as quatro, e depois se retirou para os lados de Belgrano, com toda certeza para casa. Andava encurvado e cabisbaixo, com as mãos nos bolsos de seu jeans puído.

Enquanto isso, nos porões sórdidos de uma delegacia de subúrbio, depois de ser torturado por vários dias, e finalmente esmagado a pauladas, e posto dentro de um saco, entre poças de sangue e cusparadas, morria Marcelo Carranza, de vinte e três anos, acusado de fazer parte de um grupo de guerrilheiros.

TESTEMUNHA, TESTEMUNHA IMPOTENTE,

dizia-se Bruno, parando naquele lugar da Costanera Sur onde quinze anos antes Martín lhe disse “Aqui estivemos com Alejandra”. Como se o mesmo céu carregado de nuvens tormentosas e o mesmo calor de verão o tivessem conduzido inconsciente e secretamente àquele lugar que, desde então, nunca mais visitara. Como se certos sentimentos quisessem ressurgir de alguma parte de seu espírito, dessa forma indireta como costumam fazer, apelando para lugares que nos sentimos inclinados a percorrer sem consciência exata e clara do que está em jogo. Mas como é que nada em nós pode ressurgir como antes?, ele pensava, condoído. Pois não somos o que éramos antes, porque novas moradas se ergueram sobre os escombros das que foram destruídas pelo fogo e pelo combate, ou, já solitárias, sofreram com a passagem do tempo, e dos seres que as habitaram mal e mal perduram a lembrança confusa ou a lenda, enfim apagadas ou esquecidas por novas paixões e infortúnios: a trágica desventura

de rapazes como Nacho, o tormento e a morte de inocentes como Marcelo.

Apoiado no parapeito, ouvindo o chacoalhar rítmico do rio às suas costas, tornou a contemplar Buenos Aires através da bruma, o perfil dos arranha-céus contra o céu crepuscular.

As gaivotas iam e vinham, como sempre, com a indiferença atroz das forças naturais. E até era possível que, naquela época em que Martín lhe falava ali de seu amor por Alejandra, aquele menino que passou a seu lado com a babá fosse o próprio Marcelo. E agora, enquanto seu corpo de rapaz desvalido e tímido, os restos de seu corpo, era parte de algum forno elétrico, gaivotas idênticas faziam num céu parecido as mesmas e ancestrais evoluções. E assim tudo passava e tudo era esquecido, enquanto as águas continuavam batendo rítmicas nas costas da cidade anônima.

Escrever pelo menos para eternizar alguma coisa: um amor, um ato de heroísmo como o de Marcelo, um êxtase. Aceder ao absoluto. Ou talvez (pensou com sua dúvida característica, com aquele excesso de honradez que o tornava hesitante e, definitivamente, ineficaz), talvez isso fosse necessário para gente como ele, incapaz desses atos absolutos da paixão e do heroísmo. Pois nem aquele rapaz que um dia ateou fogo em si mesmo numa praça de Praga, nem Ernesto Guevara, nem Marcelo Carranza precisaram escrever. Por um instante pensou que talvez fosse esse o recurso dos impotentes. Não teriam razão os jovens que agora repudiavam a literatura? Não sabia, tudo era muito complexo, porque nesse caso seria preciso repudiar, como dizia Sabato, a música e quase toda a poesia, já que tampouco ajudavam a revolução pela qual esses jovens ansiavam. Além disso, nenhum verdadeiro personagem era um simulacro erguido com palavras: eram construídos com sangue, com ilusões e esperanças e ansiedades verdadeiras, e obscuramente pareciam servir para que todos nós, em meio

a essa vida confusa, pudéssemos encontrar um sentido para a existência, ou pelo menos seu remoto vislumbre.

Mais uma vez em sua longa vida sentia essa necessidade de escrever, embora não lhe fosse possível entender por que, agora, ela nascia desse encontro com Sabato na esquina de Junín com Guido. Mas ao mesmo tempo sentia que sua crônica era impotente diante da imensidão. O universo era tão vasto. Catástrofes e tragédias, amores e desencontros, esperanças e morte lhe davam a dimensão do incomensurável. Sobre o que deveria escrever? Quais desses infinitos acontecimentos eram essenciais? Uma vez dissera a Martín que em terras distantes podia haver cataclismos que, no entanto, nada significassem para alguém: para esse rapaz, para Alejandra, para ele mesmo. E, de repente, o simples canto de um pássaro, o olhar de um homem que passa, a chegada de uma carta são fatos que existem de verdade, que para esse ser têm uma importância que não tem o cólera na Índia. Não, não era indiferença diante do mundo, não era egoísmo, pelo menos de sua parte: era algo mais sutil. Que estranha condição a do ser humano para que um fato tão espantoso fosse verdade. Agora mesmo, pensava, crianças inocentes morrem queimadas no Vietnã por bombas de napalm: não era uma infame leviandade escrever sobre uns poucos seres de um canto do mundo? Desanimado, tornava a observar as gaivotas no céu. Não, ele mesmo se corrigia. Qualquer história sobre as esperanças e tristezas de um só homem, de um simples rapaz desconhecido, era capaz de abarcar a humanidade inteira e podia servir para encontrar um sentido para a existência, e até para consolar, de certo modo, aquela mãe vietnamita que clama por seu filho queimado. Claro, era bastante honesto para saber (e temer) que o que pudesse escrever não conseguiria atingir tal valor. Mas esse milagre era possível, e outros podiam obter o que ele não se sentia capaz de conseguir. Ou sim, jamais se saberia. Escrever sobre certos ado-

lescentes, as criaturas que mais sofrem neste mundo implacável, as mais merecedoras de algo que a um só tempo descrevesse seu drama e o sentido de seus sofrimentos, se é que algum sentido eles tinham. Nacho, Agustina, Marcelo. Mas o que sabia a respeito deles? Mal vislumbrava em meio das sombras certos episódios significativos de sua própria vida, suas próprias lembranças de menino e adolescente, a trajetória melancólica de seus afetos.

Pois o que realmente sabia já não de Marcelo Carranza ou de Nacho Izaguirre, mas do próprio Sabato, um dos seres que sempre estiveram mais perto de sua vida? Infinitamente muito, mas infinitamente pouco. De vez em quando, sentia-o como se fizesse parte de seu próprio espírito, podia imaginar quase em detalhes o que ele teria sentido diante de certos acontecimentos. Mas de repente lhe parecia opaco, e ainda bem que, por um brilho fugaz de seus olhos, ocorria-lhe desconfiar do que estava acontecendo no fundo de sua alma; mas permanecendo no nível das suposições, dessas arriscadas suposições que com tanta suficiência jogamos sobre o universo secreto dos outros. O que conhecia, por exemplo, de sua verdadeira relação com aquele violento Nacho Izaguirre e, sobretudo, com sua enigmática irmã? Quanto a seu relacionamento com Marcelo, sim, claro, sabia como surgiu em sua vida, por essa série de episódios que parecem casuais, mas que, como sempre repetia o próprio Sabato, só eram na aparência. A tal ponto que era possível imaginar, afinal, que a morte desse rapaz na tortura, o feroz e rancoroso vômito (para dizê-lo de alguma forma) de Nacho sobre a irmã, e essa queda de Sabato estavam não só ligados, mas ligados por algo tão poderoso que constituiria por si só o motivo secreto de uma dessas tragédias que resumem ou são a metáfora do que pode acontecer com toda a humanidade numa época como esta.

Um romance sobre essa busca do absoluto, essa loucura de adolescentes, mas também de homens que não querem ou não

podem deixar de sê-lo: criaturas que no meio da lama e do esterco lançam gritos de desespero ou morrem jogando bombas em algum canto do universo. Uma história sobre rapazes como Marcelo e Nacho e sobre um artista que, em redutos recônditos de seu espírito, sente se agitarem essas criaturas (em parte vislumbradas fora de si mesmo, em parte agitadas no mais profundo de seu coração) que exigem eternidade e absoluto. Para que o martírio de alguns não se perca no tumulto e no caos mas possa alcançar o coração de outros homens, a fim de emocioná-los e salvá-los. Alguém talvez como o próprio Sabato diante desse tipo de adolescentes implacáveis, dominado não só por sua própria ânsia de absoluto mas também pelos demônios que, de seus antros, continuam a pressioná-lo, personagens que um dia existiram em seus livros, mas que se sentem traídos pelas torpezas ou covardias de seus intermediários; e envergonhado ele mesmo, o próprio Sabato, por sobreviver a esses seres capazes de morrer ou matar por ódio ou amor ou por seu empenho em decifrar a chave da existência. E envergonhado não só por sobreviver a eles como por fazê-lo com perversidade, com medíocres compensações. Com o asco e a tristeza do êxito.

Sim, se seu amigo morresse, e se ele, Bruno, pudesse escrever essa história. Se não fosse como desgraçadamente era: um fraco, um abúlico, um homem de meras e fracassadas tentativas.

Novamente virou o olhar para as gavotas sobre o céu em declínio. Há silhuetas escuras de arranha-céus no meio de esplendores amarronzados e catedrais de fumaça e, aos poucos, entre os melancólicos violáceos que preparam a corte funerária da noite. Agonizava a cidade inteira, alguém que em vida foi grosseiramente barulhento, mas que agora morria em dramático silêncio, sozinho, voltado para si mesmo, pensativo. O silêncio se fazia mais grave à medida que a noite avançava, como sempre se recebem os arautos das trevas.

E assim terminou mais um dia em Buenos Aires, algo irre-
cuperável para sempre, algo que o aproximava um pouco mais de
sua própria morte.